

# A travessia literária feminina ao longo dos anos

*De musas a criadoras, mulheres traçaram um longo caminho na Literatura em busca de relevância e representatividade dentro e fora dos livros* 20 de Março de 2020 , 10:53

Atualizado em 24 de Março de 2020 , 12:08



Em um universo ainda dominado pelos homens, a presença feminina na Literatura foi sendo moldada à medida em que a sociedade ganhava diferentes perspectivas. De musas inspiradoras de obras clássicas a protagonistas de suas próprias criações, elas têm trilhado um longo caminho para conquistar o merecido espaço no mercado. No acervo da Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais, por exemplo, é possível perceber como o perfil feminino tem mudado, dentro e fora dos livros. São mais de 570 mil exemplares, que, de alguma forma, ajudam a entender a travessia literária feminina através dos séculos.

Marcado pelos grandes romances, o século XIX foi um campo fértil para o surgimento das musas e heroínas românticas. Em *A Dama das Camélias* (1848), Alexandre Dumas Filho narra o amor proibido entre Armand Durval e a cortesã Margueritte Gautier. A obra, quase autobiográfica, revela os preconceitos da sociedade parisiense da época. Já em *Madame Bovary* (1856), de Gustav Flaubert, Emma é a heroína, sonhadora e romântica, que vê seu mundo mudar após se casar com Charles Bovary. Presa em um mundo que não pode suportar, ela embarca em aventuras extraconjugais, reativando os sonhos da juventude e a busca pelo amor romântico.

À época, homens ditavam regras também na arte, e a rejeição a autoras femininas era alta. Para a diretora do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas da Secretaria de Estado de Cultura e

Turismo (Secult), Alessandra Gino, foi somente após algumas mudanças sociais que as mulheres passaram a encontrar mais abertura no mercado. “Jane Austen, por exemplo, foi uma pioneira nesse sentido. Outras escritoras contemporâneas dela tiveram que publicar seus trabalhos com pseudônimos masculinos, já que, à época, a Literatura não era lugar para mulheres. Já no século XX houve um aumento significativo de escritoras”, comenta.

À própria maneira, a Literatura nacional também tem suas personagens marcantes. Em *Dom Casmurro* (1899), Machado de Assis criou um dos maiores mistérios da ficção, com a suposta infidelidade de Capitu. A personagem segue como uma incógnita no imaginário dos leitores e um símbolo literário do país. José de Alencar também contribuiu para a criação de alguns ícones femininos. Em *Iracema* (1865), a personagem que dá nome à obra representa a figura do “bom selvagem” e a submissão feminina ao homem amado.

## **Pioneirismo literário**

Mesmo com o desinteresse constante, algumas mulheres tomaram a frente na produção literária do século XIX. Jane Austen, considerada a primeira romancista moderna da Inglaterra, escreveu seu primeiro livro aos 19 anos, *Lady Susan* – publicado 14 anos mais tarde, com o novo título de *Abadia de Northanger* (1817). Mas a obra mais popular da escritora é *Orgulho e Preconceito* (1813). Nessa narrativa, mais uma vez, a figura feminina assume o protagonismo, com Elizabeth Bennet, jovem que carrega as suas inquietações enquanto sua família tenta arranjar casamentos para suas irmãs.

O Brasil teve sua primeira escritora do século XIX: Nísia Floresta. Pseudônimo da potiguar Dionísia Gonçalves Pinto, aos 22 anos, ela escreveu *Direito das mulheres e injustiça dos homens* (1832). Considerada pioneira em temáticas feministas no país, Nísia é autora de outras 13 obras. Ela é internacionalmente reconhecida por sua luta pelos direitos das mulheres, além de, naquela época, ter participado ativamente das campanhas abolicionista e republicana.

## **Outras histórias, novas autoras**

Na virada de século, surgiram nomes femininos que revolucionaram a Literatura mundial. Mary Shelley, Virginia Woolf, Agatha Christie, Simone de Beauvoir são apenas alguns dos exemplos de escritoras que, inspiradas por suas próprias histórias e pensamentos, ajudaram a ampliar consideravelmente o repertório literário do público. No Brasil, uma importante leva de escritoras também começa a ressignificar a produção literária.

O êxodo nordestino ganhou outro olhar em *O Quinze* (1930), primeiro romance da cearense Rachel de Queiroz. Em uma narrativa inspirada no próprio destino da família, que fugia da seca em 1915, a história mudou a perspectiva de contos regionalistas por trazer um relato imagético da diáspora da região Nordeste.

Na mesma linha de Rachel de Queiroz, Carolina Maria de Jesus revelava a dureza de seu cotidiano, contribuindo para a representatividade literária. Mulher negra, mãe solteira e moradora de uma comunidade de São Paulo (SP), a escritora mineira trouxe um olhar fiel à realidade periférica com o livro *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada* (1960). Traduzido para mais de 13 idiomas, a publicação é resultado de 20 diários escritos por Carolina e coloca o leitor na posição de observador de uma história de luta e resistência.

Conceição Evaristo, outra escritora mineira que tem ganhando notoriedade na Literatura nacional se inspirou em Carolina Maria para dar início à sua trajetória. A autora, considerada uma das vozes mais importantes no movimento literário negro do país, estreou em 1990, publicando contos e poemas na série *Cadernos Negros*. Desde então, Conceição Evaristo transporta suas inquietações e questionamentos para seus livros.

“Todas essas novas histórias refletem mudanças de comportamento, de consumo e de

interesses. A abertura que as escritoras tiveram foi fundamental para que novas visões preenchessem as páginas dos livros, conquistassem outros leitores e inspirassem mais mulheres”, pontua Alessandra Gino. A diretora também ressalta o legado dessas escritoras para a produção contemporânea. “Há uma diversidade muito maior de produção literária. Atualmente, as mulheres têm se empoderado muito mais e buscado ocupar, definitivamente, a Literatura”, finaliza.

Ainda no acervo da Biblioteca Pública Estadual, os leitores encontram alguns nomes especiais, como o de Toni Morrison, única escritora negra a vencer o prêmio Nobel de Literatura (1993), e Lygia Fagundes Telles, autora de Antes do Baile Verde (1970), um dos livros mais procurados, com mais de 1.500 empréstimos.

\*Esses e outros títulos podem ser consultados no catálogo online disponível [no site da Biblioteca Pública Estadual](#). Como medida de prevenção e controle ao Coronavírus, no entanto, todos os serviços presenciais da Biblioteca estão suspensos, inicialmente, por 30 dias a partir de 18/3. Acompanhe as redes da Secult para novas informações.

*Foto: Divulgação/ Biblioteca Pública*

[Enviar para impressão](#)